



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Arte-Performance: O Corpo Masculino Homossexual na Música Contemporânea Brasileira<sup>1</sup>**

**Livia Cretaz<sup>2</sup>**

**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

**Heloisa Kazuko Omine<sup>3</sup>**

**Escola Superior de Propaganda e Marketing**

**Julliana Biscaia<sup>4</sup>**

**Centro Universitário de União da Vitória**

### **Resumo**

Este artigo é o desdobramento de um trabalho em construção. Como ponto de partida a Arte Contemporânea Brasileira, será abordado um breve histórico sobre os movimentos em prol da visibilidade dos direitos homossexuais, questões de gênero e identidade sexual, para então abordar o corpo como instrumento artístico comumente presente na Arte Contemporânea Brasileira. O foco deste trabalho são as performances a partir dos corpos masculinos homossexuais comumente vistos na música nacional, em nomes como Jhonny Hooker, Silva, Jalo e outros, com o objetivo de evidenciar a arte como ferramenta político-social, e ao mesmo tempo Arte. A questão norteadora é de qual maneira as linguagens artísticas presentes na Homoarte Contemporânea brasileira conseguem se manifestar através da música. O presente trabalho fora desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica e documental ancorando-se principalmente em autores como Mário Schenberg, Vivane Matesco, Regina Fachini, Joan Scott e Michael Foucault.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea Brasileira; Performance; Corpo; Homossexualidade.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, discursos da diferença e biopolíticas do consumo (GT09) do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora do grupo História da Cultura, Sociedade e Mídias da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Integrante do Grupo de pesquisa TepCom - Pesquisa em Teorias e Processos da Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: [liviacretaz@hotmail.com](mailto:liviacretaz@hotmail.com)  
<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM. Docente da Pós Graduação da Escola Superior de Propaganda e Marketing, Pós Graduação da Universidade Anhembi Morumbi e Pós Graduação in Company do Instituto Europeu de Design. E-mail: [homine@shopfitting.com.br](mailto:homine@shopfitting.com.br).

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Coordenadora e professora titular do Centro Universitário de União da Vitória e docente no Curso Técnico em Multimídia, do Colégio Técnico de União da Vitória. E-mail: [jullianabiscaia@gmail.com](mailto:jullianabiscaia@gmail.com).



## Considerações iniciais

Este artigo é o desdobramento de um projeto ainda em desenvolvimento que mesmo brevemente busca tecer as relações entre a Performance presente na Arte Contemporânea brasileira a partir das linguagens artísticas e trazendo um apanhado histórico acerca de movimentos artísticos e movimentos relacionados a ampliação da visibilidade da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). No Brasil, a temática da Homoarte é iniciada nos anos 1950 e seu principal destaque é o pintor Darcy Penteado pioneiro militante dos movimentos LGBT brasileiro, além de artistas como o fotógrafo Joaquim Paiva, o escritor José Silvério Trevisan, o artista Glauco Menta, mas neste trabalho, serão enfatizados cantores homossexuais como Jhonny Hooker, Rico Dalasam, Silva, Jaloó.

Esta pesquisa situa-se no diálogo entre vários campos de reflexão: artístico, cultural, da linguagem, tecnológico, carregando como cuidado metodológico o desafio maior que é demonstrar a presença do corpo homossexual masculino presente nas obras da Arte Contemporânea Brasileira, em específico na música, objetivando adentrar na dimensão política e social a partir de tal representação, que utiliza o corpo como instrumento artístico.

## Movimentos homossexuais

No dia 28 de junho de 1969, em Greenwich Village, bairro de Nova Iorque, ocorreu um fato que deu início ao movimento homossexual organizado (Ribeiro, 2010). O autor elucida que naquela data frequentadores do bar já tido como *gay - Stonewall Inn* - se uniram para dar uma basta à violência das batidas policiais no local e reagiram da mesma maneira ao tratamento a que eram submetidos. Era comum, à época, que homens e mulheres, travestis, *drag queens*, clientes e transeuntes fossem levados em camburões às delegacias e fichados, ainda que não tivessem desrespeitado qualquer lei, mas apenas por estarem nos arredores de boates ou bares de homossexuais, sob falsas alegações de venda ilegal de bebidas alcólicas. Esses frequentadores perdiam o emprego ou sofriam outras formas sérias de discriminação ao terem sua identidade descoberta e escancarada pela sociedade. No dia em que ocorreu a reação, liderados por travestis e *drag queens*, houve reações violentas aos atos policiais.

Pelo histórico de Ribeiro (2010), as palavras de ordem “Sou homossexual e me orgulho disso” e “Eu gosto de rapazes” soaram de maneira crescente por diversas ruas do bairro; o movimento se repetiu durante todo aquele final de semana, inaugurando o fato de um grupo de homossexuais



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

resistirem publicamente à discriminação. O termo “orgulho” passou a representar o sentimento de comunidade, ligada por laços de orientação sexual semelhante.

Dando continuidade ao histórico dessas manifestações, um ano após esse primeiro movimento ativista, um grupo chamado “Frente de Libertação *Gay*” lançou o jornal “Come Out” e elegeu a data de 28 de junho de 1969 como o Dia Internacional do Orgulho *Gay*, iniciando assim a realização das Paradas do Orgulho *Gay* que, atualmente, ocorrem em vários países como Canadá, Austrália, Alemanha, Inglaterra e Brasil. A Parada é hoje o símbolo do movimento que se destina a promover a diversidade e aceitação.

No Brasil, de acordo com a pesquisadora Renata Fachini, membro do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade de Campinas (Unicamp) esses movimentos começaram a se organizar mais tarde, em meados dos anos 1970. Ainda de acordo com a autora, os movimentos ganharam maior espaço em meados dos anos 1980. Mesmo assim, isso ocorreu de maneira incipiente por conta da influência que a ditadura militar teve na nossa cultura e também, à expansão de expressões religiosas contrárias à homossexualidade. A partir de 1996, começaram a ocorrer atividades públicas para comemorar o 28 de junho, sendo que em 1997 ocorreu a primeira Parada do Orgulho LGBT<sup>5</sup> (*gays*, *lésbicas*, *bissexuais*, *travestis*, *transsexuais* e *transgêneros*), em São Paulo – manifestação que ocorre até hoje.

Trazendo essa discussão à temática homossexual, por muito tempo e ainda hoje, houve uma repressão e discriminação desse público, e como já dito, contribuindo para a formação de guetos. Com o intuito emergir essas vozes dissonantes, os estudos de gênero foram ganhando visibilidade, porém a rejeição ainda é grande.

Em 2016 foram registradas 343 mortes de elementos pertencentes à comunidade LGBT – uma morte a cada 25 horas. Dados como esse, divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. A Bahia ocupa a segunda posição dentre os estados com 32 mortes ficando atrás apenas de São Paulo (49 casos). O grupo Michels estima que em 2017 esta realidade não seja diferente em função da evolução histórica do levantamento de dados. Entre 1970 e 2016, o GGB contabilizou 6882 mortes de LGBTs em todo Brasil. Um exemplo atual desses

---

<sup>5</sup> A sigla LGBT é oficialmente aprovada pela ILGA – International Lesbian and Gay Association – e tem sido mundialmente difundida como designador das minorias sexuais em geral.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

índices, é o caso da transexual Dandara, de 42 anos fora brutalmente espancada até a morte em Fortaleza, em fevereiro deste ano.

Ao passo que a violência aumenta, ações para reações a esses crimes e políticas de acolhimento veem crescendo, como é o modelo da Casa 1, projeto que surgiu em 2015 quando o jornalista Iran Giusti abriu as portas do seu apartamento para receber LGBTs que haviam sido expulsos de suas residências. Por meio de um financiamento coletivo via a plataforma Benfeitoria arrecadou-se R\$ 112 mil e com esse valor foi possível alugar um sobrado na Bela Vista, região central de São Paulo durante um ano. Aberta no dia 25 de janeiro deste ano, a casa hoje é a residência de 12 moradores em uma república de acolhimento, e também um Centro Cultural composta de salão de exposição, sala de cursos, palestras e workshops e uma biblioteca aberta ao público.

Um marco para a visibilidade da causa homossexual foi o que pode ser chamada de ‘segunda onda’, que ocorreu durante a redemocratização dos anos de 1980, época em que surgiu a epidemia de AIDS, a qual, por seu turno, trouxe, para a esfera pública, a sexualidade que, outrora, estava reservada para ser discutida no espaço privado dos discursos médico e religioso. Agora, mais do que nunca, importava, para efeito de políticas públicas, o que e com quem as pessoas estavam se relacionando.

### **Algumas questões sobre estudos de Gênero**

‘Gênero’, na definição do dicionário da Língua Portuguesa significa: “flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginários dos seres”. Essa definição não contempla o quão complexo pode ser as denominações de gênero. Acima nota-se um único significado na categorização biologizante, de um corpo com pênis ou um corpo com vagina ou ainda, menos “comum”, um corpo com os dois. A sexualidade é uma construção social que atua dentro dos campos do poder, e não apenas um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta.

Na segunda ‘fase’ do Feminismo, na década de 1980, destacam-se as autoras Judith Butler e Joan Scott, na década de 1980, que lançaram novos olhares sobre os estudos já feitos sobre gênero como um corpo restrito. Neste momento, se torna necessário distinguir ‘gênero’ para a flexão que distingue os sexos e ‘Gênero’ para a categoria analítica relacional que Scott irá propor.

Sendo assim, o conceito Gênero problematiza os processos da história humana das diferenças biológicas (macho/fêmea), buscando compreender de qual maneira essas diferenças foram sendo combinadas discursivamente pelas forças de poder, fazendo com que os corpos antes biologicamente



distintos se tornaram opostos baseados nas diferenças percebidas desses corpos distintos por sua biologia.

Essa diferenciação se destaca no momento em que os Movimentos *Gay* e Feminista se bifurcam. A ausência de diálogos intelectuais entre os campos de estudos citados, passou-se a perceber falta de trabalhos sobre *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros sobre a perspectiva de Gênero. Reforçando isso, até a metade dos anos 1980, o Gênero não estava formado de maneira articulada como forma de construção de conhecimento.

Tal fato não foi capaz de segurar o movimento feminista. Tal onda continuava questionando a falta de direitos das mulheres e a contraposição em relação ao homem. Era uma busca de visibilidade identitária, a quebra da dominação do sexo oposto. É válido ressaltar que Scott (1994) não defendia a separação da história das mulheres com a dos homens, mas sim questionava sua construção, sua abordagem. Refletindo sobre essa cisão de histórias, isso poderia vir a deixar, mais uma vez, as mulheres à beira da marginalidade. A questão é investigar a invisibilidade da trajetória das mulheres ao longo do percurso histórico.

Buscando analisar a diferença sexual entre o masculino e o feminino, Scott (1990) categorizou o Gênero como análise, destacando dos seguintes pontos: surgiu enquanto categoria de análise. A autora deixa claro que toma emprestados os conceitos pós-estruturalistas, principalmente os de Michael Foucault, reestruturando, a partir deste gênero para Gênero – categorial relacional de análise. Os pontos importantes em sua nova produção merecem ser destacados:

1. a desconstrução do caráter permanente da relação binária homem X mulher, em que o homem detém poder;
2. a necessidade de pensar para além dessa lógica dita natural, uma vez que se trata de uma construção social, logo, não é fixa;
3. se essa rigidez é tida como orgânica é porque as relações sociais estão permeadas pelo poder, contidas em seu processo de construção da história da humanidade.

Gênero, como categoria de análise, constroem-se então pelas e nas relações de poder, conforme entende a autora:

examinar gênero concretamente, contextualmente e considerá-lo um fenômeno histórico, produzido reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo... A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres, e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos. (SCOTT, 1994, p.19).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Gênero, como categoria de análise pode ser considerado uma denúncia à heteronormatividade, emergindo a discussão de momentos históricos, diferenças biológicas e forças dominantes legitimadas pelas Instituições presentes no cotidiano.

### **Identities sexuais – por quê rotular?**

Somos todos da espécie humana. Pode parecer redundante, mas essa é uma das nossas identidades. Mas essa identidade vai além. Somos homens, mulheres, heteros, homos, negros, brancos. Dentro dessas outras identidades estão, possivelmente as bases para a dominação e a explicação polarizada das forças identitárias de poder que se universalizaram e que abordam as pessoas. A identidade é descrita, conforme Foucault (1997, p.9) defende: “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade”.

Tomando como partida as questões identitárias que se caracterizam a partir de raça, credo, sexo, vem à tona o questionamento: O que é identidade? Qual a condição de ela existir? Assumir-se gay, assumir-se hebreu não deveria sem um adjetivo, mas um detalhe, não são suficientes para delimitar a identidade. Refletir sobre a identidade é refletir por ela mesmo, uma vez que é suficiente para desvendar o sujeito a qual se identifica.

Em contrapartida, ao se afirmar como heterossexual, automaticamente se desafirma a condição de que se é homossexual, bi ou transexual. Ao se afirmar que é mulher, automaticamente se desafirma o seu contrário, ou seja, o homem. O ato de se auto-afirmar trás, em si, a negação de tudo que não se é ou que, naquele momento, não pode ser identificado em si. As identidades presentes nos discursos opressores se opõem fixas para serem controladas.

O cerne não está na diferença, mas, em hierarquizar ou construir a diferença que existe para delimitar quem é quem: um só é um, quando na relação com o outro. Sob esse prisma, a homossexualidade é basal na construção e na normatização da heterossexualidade, pois, enquanto dispositivo, unifica a legitimidade da heterossexualidade.

Refletir sobre um corpo homossexual e um corpo heterossexual para muitos ainda é uma oposição entre o correto a ser seguido e o errado a ser erradicado do campo moral, jurídico e religioso. Sendo assim, o homossexual, o bissexual, o transexual ou qualquer outra sexualidade que não se oriente



para o desejo pelo sexo oposto serão construídos como discursos desviantes do discurso dito “normal”, a heterossexualidade. Os estudos acerca da sexualidade reúnem contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Contrapondo as partes, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais), a sexualidade é compreendida de maneira ampla, é expressão cultural.

Os discursos pronunciados por homens/ mulheres das instituições que autenticam o poder patriarcal-heteronormativo, como a Igreja, o Estado, a família, a escola são dispositivos reguladores dos corpos que não se enquadram no proposto pela heterossexualidade normativa. Discorrer sobre o corpo é trazer à tona do discurso, o que floresce enquanto particular e social. Corpo enquanto ferramenta de prazer e dor, de desejos e imposições. Imposições sugeridas, anunciadas, promovidas no âmbito social. Corpos que podem estar sendo absolvidos ou condenados, explorados, negados, expostos em uma sociedade que, como a brasileira, é perpassada por comportamentos machistas.

Os preconceitos contra os que ‘não reproduzem a norma dos gêneros heterossexistas’ são discursos intolerantes que, no dia a dia da vida dessas pessoas, são socializados na e pela homofobia. Em outras palavras, a aversão, o desprezo e as subjugações discursivas que legitimam o homossexual na ordem dos “anormais”. Práticas homofóbicas, como xingamentos, piadas, tiração de sarro, são dispositivos de legitimação do discurso heterossexista, o preconceito homofóbico é um dispositivo da imposição da norma heterossexual, e não sua exceção.

Sexo e gênero estão na mesma ordem mimética. O gênero conjectura o sexo ou é por ele restringido. Sob esse prisma é preciso desconstruir os gêneros, pois assim desconstrói-se os sexos ou o binarismo que acomoda gênero e sexo em corpos opostos. Apenas a partir da desnaturalização de gênero e sexo é que é admissível problematizar a heterossexualidade, assim como a hegemonia masculina, divisões que a princípio são sustentadas pelas relações de gênero que, fortemente fundadas no binarismo do órgão sexual, são decisivas para a construção das identidades sociais (aceitas ou não) sobre os corpos sexuados.

### **O corpo como instrumento artístico**

Na Arte Contemporânea, um elemento muito presente em manifestações artísticas é o uso do próprio corpo do artista, cujo objetivo é desfeticizar o corpo humano, extinguindo a exaltação à beleza a que ele foi destinado ao longo dos séculos pela literatura, pintura e escultura - o objetivo é trazê-lo



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de volta ao seu lugar de pertencimento: o de instrumento do homem. Pautada em teorias sobre o tema, a seguir, serão apresentadas reflexões acerca das manifestações e utilização do corpo na Arte Contemporânea.

O uso do corpo como forma de expressão artística, verga a recolocar a pesquisa das artes no trilho das necessidades humanas básicas, trazendo à tona práticas que são antecedentes à História da Arte, fazendo parte à própria origem da Arte. A relação arte-corpo é de fundamental relevância sobre diversas ópticas. Para ilustrar, a atuação do corpo nas *Performances*, por exemplo, estabelece um contato direto entre emissor e receptor sem a intermediação técnica de nenhum equipamento eletrônico, com exceção, eventualmente, pela utilização de som ou vídeo.

Nas palavras de Schenberg (1998, p.9): “as representações do corpo são tributárias de um contexto e de uma visão de mundo e, no interior dessas, de uma definição de pessoa”. Entende-se que a percepção do corpo é resultado de uma construção social e cultural – e a maneira de criar e representar o corpo é produto de uma construção simbólica. Nas sociedades ocidentais essa concepção se inicia com o referencial anatômico-fisiológico e evoluciona para a visão possessiva do corpo. O autor ainda defende: “a reconquista e o reencantamento da representação do corpo levam a visão holística e comunitária a superarem o individualismo narcisista e a recolocarem o corpo em íntima relação com a natureza e os outros” (p.9). Ou seja, essa resposta motiva o entendimento do corpo como formas de descobertas de cada um e metáfora comunitária que conjecturam novas procuras e elucidações. No percurso dessa “busca” a Arte exerce um papel fundamental.

Trazendo para o âmbito da Arte, insere-se a visão de Cocchiarale e Matesco (2006), que entendem o corpo como um dos assuntos mais frequentes da Arte de todos os tempos e Culturas, desde as mãos estampadas nas cavernas até a Arte Contemporânea. O corpo fora utilizado como linguagem direta ou sugerida, de diversas configurações e jeitos possíveis. A diferenciação entre corpo e alma, praticada pela cultura clássica, oferecia ao corpo a competência dos sentidos e à alma, a razão e o intelecto.

A partir da ocupação do corpo como parte principal para atos artísticos, novas propostas foram elaboradas; citações através de objetos referentes ao corpo, como roupas, acessórios, etc; objetos das tecnologias da imagem (fotografia, vídeo, computador) e até mesmo utilizando como referencial os conjuntos convencionais, como a pintura, o desenho, a gravura e a escultura, passando a existir das novas formações “as instalações”.





Na visão de Glusberg (2005), o corpo nu, o corpo vestido, as transformações que se operaram nele, são ilustrações das diversas probabilidades que se oferecem a partir do simples, do imprevisto trabalho com o corpo. O autor ainda traz a relação fantasiosa que a Arte agencia com seus objetivos é especialmente forte no caso em que o sujeito se afronta com seu corpo. O próprio corpo é o que se vê objetivado, não sendo reconhecido às vezes pelo seu próprio dono, causando um estranhamento.

É pertinente nesse momento trazer a fala do filósofo francês Merleau-Ponty (2006), onde discorre: “em se tratando do meu próprio corpo ou de algum outro, não tenho nenhum outro modo de conhecer o corpo humano senão vivendo-o. Isso significa assumir total responsabilidade do drama que influi através de mim, e fundir-me com eles.” (p.269) .

### **Descortinando o corpo homossexual**

Uma das vertentes do discurso cristão é a dicotomia entre o pecado e salvação. Primeiro ocorre as angústias do pecado, para então a redenção. A tradição judaica cristã prega uma ideia de controle sobre o sexo onde os homossexuais são hostilizados e excluídos da sociedade. Pelo prisma da sociedade medieval, existiram três episódios que merecem destaque na questão da moral sexual: 1) instituída a fixação do pecado; 2) a separação dos clérigos e dos leigos; 3) o casamento. Tais fatores funcionaram como engrenagens reguladoras na sociedade por atuarem a partir de uma organização entre os laicos e os clérigos que se pauta na questão sexual.

Tais engrenagens podem ser consideradas os lugares de poder, e ocorre a divisão entre o profano e o sacro através da ordem sexual. O casamento possuía normas rígidas acerca do que poderia ou não ser praticado no âmbito sexual. É válido ressaltar que o intuito do casamento e do sexo era a procriação.

O termo ‘homossexual’ é oriundo do grego *homo* (mesmo) e do latim, *sexual* (que tem sexo).

Para Foucault (2001):

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscritas sem pudor na sua face e no seu corpo (FOUCAULT, 2001, p. 43).

O termo ‘homossexual’ pode se referir tanto ao feminino como ao masculino. No século XIX, Igreja ia contra os homossexuais, acusando-os de pecadores e de seres perversos, considerando as



condutas sexuais por eles praticadas como ‘anormal’. Os homossexuais também eram pessoas que não possuíam direitos civis.

A construção do corpo homossexual não apenas busca analisa-lo ou liberta-lo do que é considerado anormal, mas o corpo homossexual vai contra a prática normativa heterossexual. Jurandir Costa (1996) descreve que até meados do século XVIII, existia apenas um modelo de sexo, e o corpo não possuía gênero. A medicina defendia o corpo feminino como o corpo masculino invertido. Vagina, útero e ovários equivaliam ao pênis, saco escrotal e testículos. Os homossexuais em nenhum momento estiveram inseridos na democracia sexual, uma vez que eram considerados um afronto à classe patriarcal burguesa. Nas palavras de Foucault (2001):

homossexual passará a ser uma espécie... [...] a mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem. (FOUCAULT, 2001, p. 44).

Órgãos regulares como a família, a escola, o trabalho são alicerces para se construir uma chamada ditadura heterossexual, aceitando ou não, discriminando ou não, a homossexualidade. No âmbito das ciências médicas até os anos 1990 a homossexualidade era considerada uma patologia. O que, nesse caso, presume-se que a heterossexualidade é o correto, aceitável, não patológico.

### **Os performáticos cantores brasileiros**

A linguagem artística transita pelo contemporâneo como um conceito sobre a transformação do objeto homoerótico em produções do conhecimento através do vídeo, de fotografias, colagens, transparências, instalações, cinema, dança, teatro, pintura, ou seja, todas as linguagens artísticas.

A escolha do *corpus* de análise se deu a partir de um levantamento publicado em 2017<sup>6</sup> pelo Portal da APOGLBT SP, ONG responsável pela Parada LGBT de São Paulo. A listagem destaca os 15 artistas LGBTs de maior destaque da indústria musical brasileira, a ver: Jhonny Hooker, Glória Groove, Daniela Mercury, Rico Dalasam, Mulher Pepita, Aretuza Lovi, Mc Linn da Quebrada, Banda Uó, Ms Trans, Silva, Mc Xuxu, Jaloo, Liniker, Lia Clark e Pablo Vittar.

Com o intuito de categorizar os artistas listados e selecionados, criou-se a distinção de o cantor ser homem *gay* – o que vai ao encontro do tema deste artigo. Sendo assim, serão listadas as

<sup>6</sup> Disponível em: <http://paradasp.org.br/lista-os-15-artistas-lgbt-que-estao-dominando-a-industria-musical-brasileira/>  
Acesso: 18/12/2017.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

*Performances de Jhonny Hooker, Rico Dalasam, Banda Uó (composta por uma mulher trans e dois homens gays), Silva, Jaloo e Liniker.*

- **Johnny Hooker:** John Donovan, mais conhecido como Johnny Hooker, nascido em 6 de agosto de 1997 em Recife (Pernambuco), é um cantor, compositor, ator e roteirista brasileiro. Foi vencedor do Prêmio da Música Brasileira como Melhor Cantor na categoria Canção Popular. Suas músicas são conhecidas por dar vida a trilhas sonoras, como "Volta" (trilha do filme Tatuagem), "Amor Marginal" (trilha da novela Babilônia) e "Alma Sebosa" (Trilha da novela Geração Brasil, na qual Johnny interpretou o personagem Thales Salgado).
- **Rico Dalasam:** Gay, negro e periférico, o rapper une o movimento negro e LGBT. Atua na militância pela aceitação dos grupos LGBT e performatiza com roupas e acessórios de forma a questionar o público sobre de qual gênero de classifica o objeto.
- **Banda Uó:** Banda brasileira de pop formada em 2010 na cidade de Goiânia, Goiás. Composta pelos vocalistas Mel Gonçalves (Candy Mel, uma mulher trans), Davi Sabbag e Mateus Carrilho (ambos gays), a banda teve seu primeiro destaque na internet, com a versão cover da canção "Whip My Hair" da cantora americana Willow Smith, intitulada "Shake de Amor", uma das selecionadas para a categoria de Webclipe pelo MTV Video Music Brasil 2011.
- **Silva:** Cantor, compositor e produtor musical adentrou sua carreira atrás da internet, mas se tornou conhecido após o lançamento do seu primeiro álbum, Claridão, lançado em 2012 pela SLAP. Já realizou parcerias com grandes nomes como Fernanda Takai e Marisa Monte.
- **Jaloo:** Um exemplo de resistência e de quebra de regras, procura produzir com afincos seus clipes, sejam covers, remixes ou mashups. Em 2017, foi a primeira atração a se apresentar no Palco Axé do festival Lollapalooza Brasil 2017, e no mesmo ano lançou



seu último single do disco #1, "Pa Parará", postado em seu canal oficial no Youtube, plataforma de maior divulgação de seus trabalhos.

- **Liniker:** É vocalista da banda Liniker e os Caramelows, além de compor e cantar músicas de gênero soul e black music. Em 2014, ingressou na Escola Livre de Teatro, em Santo André, e começou a investir em uma identidade visual andrógina. Como artista, seu visual passou a misturar turbante, saia, batom e bigode em suas performances musicais que incorporam elementos cênicos à sua voz rouca e grave, ora limpa e aguda, que formata uma *black music* brasileira, mas recheada de elementos pop. Desconstrói de forma enfática os códigos imputados ao sexo masculino, sendo que, como intérprete e pessoa, não se define como homem, nem como mulher, sendo um exemplo de pessoa não-binária, preferindo ser referida como Ela.

É sabido que hoje um dos mais utilizados veículos de comunicação é a *Internet*. Na questão musical, o *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos bastante difundida no Brasil e nos demais países. Sendo o próprio site, possui mais de um bilhão de usuários, representando quase um terço dos usuários da *Internet*, com idade predominante entre 18 e 34 anos. Diante dessas informações, é válido trazer os números do objeto de estudos em questão.

Johnny Hooker<sup>7</sup> possui mais de 150 mil inscritos em seu canal, sendo que seu vídeo de maior visualização é "Flutua", em parceria com a cantora Liniker, que em 5 meses já ultrapassou 2,4 milhões de acessos.

O canal de Rico Dalasam<sup>8</sup> é menor, não chegando a 60 mil inscritos, porém, seus números são maiores, sendo "Fogo em mim" o vídeo de mais acesso: 2,3 milhões, a frente de "Riquíssima" com 1 milhão de exibições.

A Banda Uó<sup>9</sup> com seus 200 mil inscritos. O canal existe há 6 anos, com o vídeo "Rosa" com a marca de 576 exibições. Com um crescimento impressionante, em 2016 os clipes "Dá 1 like" e "Arregaçada" tiveram, respectivamente 3 e 5,7 milhões de visualizações.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TheJohndonovan> Acesso: 19/05/2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/ricopahoglose> Acesso: 19/05/2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/bandaou/featured> Acesso: 19/05/2018.



Silva<sup>10</sup> possui quase 160 mil inscritos, e seus vídeos possuem altos números de visualizações, tanto “A visita”, que desde quando publicado, há 5 anos, obteve 1,3 milhões de visualizações, como “Beija eu”, que em apenas 3 meses passou a marca de 2,6 milhões de exibições.

Embora o canal de Jaloo<sup>11</sup> tenha um pouco mais de 10 mil seguidores, o que pode ser justificado pelo fato de ter sido inaugurado no final de 2015, seus cliques têm números bastante significativos, sendo “Chuva”, que em 2 meses de exibição alcançou 5,2 milhões de visualizações.

O canal Liniker e os Caramelows<sup>12</sup>, embora hoje a cantora esteja em carreira solo, foi criado em 2015 possui mais de 170 mil inscritos e seu maior sucesso é de 2 anos atrás, “Caeu” com 5,2 milhões de visualizações.

Neste momento não é possível analisar individualmente cada clipe, de cada canal, mas é possível esboçar alguns indícios sobre a Arte que abrange a música e questões de corpo e *Performance*. Definir o que é Arte não é uma tarefa fácil, bem como não é o objetivo deste artigo, no entanto, é possível perceber que a Arte e o Artista não mais estão presos a museus, galerias, pinturas e esculturas. Estão diluídas e difundidas no cotidiano contemporâneo, no caso do objeto de estudo, na música. O ato de ouvir música também mudou, hoje o sucesso de um artista não é mensurado pelo número de CDs vendidos, mas de visualizações e *downloads* realizados nas diversas plataformas existentes, como o exemplo do *YouTube*.

### Considerações finais, um início de conversa

Buscando retomar o objetivo deste trabalho, buscando adentrar na dimensão política e social das representações do corpo como instrumento artístico, é possível compreender que cantores são artistas, seu corpo, sua *Performance* também são maneiras de revelar sua arte, e não se pode esquecer que a Arte pode ser, e é uma forma de manifestação política. O corpo se torna instrumento artístico, sua linguagem traduz, reflete e refrata críticas à sociedade. No caso do *corpus* em questão, são homens, homossexuais, que por muitas vezes transvestidos traduzem, por meio das letras de suas músicas, e performatizam com seus corpos inquietações, preconceitos, desilusões, amores, infinitos temas.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/listentosilva> Acesso: 19/05/2018.

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCSnVLL\\_pFn1MJ3LvZxWhjg](https://www.youtube.com/channel/UCSnVLL_pFn1MJ3LvZxWhjg) Acesso: 19/05/2018.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCMRab0\\_HPDRzU0lG5kj3Nvw](https://www.youtube.com/channel/UCMRab0_HPDRzU0lG5kj3Nvw) Acesso: 19/05/2018.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Tendo em vista o que foi até aqui descortinado é necessário lembrar que a Arte, seja ela em qualquer espectro de mensagem é uma forma de comunicação – inclusive historicamente é um dos primeiros modos de se comunicar.

Focalizando masculinidade e homossexualidade, são questões socialmente construídas e oriundas do consumo sociocultural no qual estamos inseridos, cujas representações de gênero são polarizadas e datadas a partir do que consumimos. A Arte pode (e deve) ser utilizada como instrumento para romper essas dicotomias e ciclos de avanços e retrocessos, conforme mostrado nesse trabalho. Seja em forma de música, fotografia, cinema, as Artes têm o papel de desanuviar, amenizar essas questões. É preciso construir ações afirmativas, guiar políticas públicas, organizar os impulsos para novas práticas que serão lançadas, consumidas, refletidas e refratadas, gerando novamente um novo ciclo.

### Referências

COCCHIARALE, Fernando. MATESCO, Viviane. **Sobre o Corpo na Arte Contemporânea Brasileira**. In Catálogo da Exposição “O Corpo na Arte Contemporânea Brasileira”. Itaú Cultural. São Paulo, 2006. p. 10-17.

COSTA, Jurandir Freire. **O referente da identidade homossexual**. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABrA/IMS/UERJ, 1996. p. 63-87.

FACHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: GLS, 2010.

SCHENBERG, Mário. **Arte e Ciência: Arte e Corpo**. São Paulo: ECA/USP, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Gender and politics of history**. Columbia University Press, N.Y., 1988. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 11-27.